

O Pioneiro da Climatologia Médica no Brasil



“Ele Pó, Modesto, Ela Neve, Pura: deram Um Pouco de Lama. Na Poça de Lama como no Divino Céu, também passa a Lua”.

Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947)



Este nosso homenageado foi o que melhor interpretou, como nenhum outro, tão profundamente as relações entre o clima, o homem, a cultura e a medicina no Brasil. Além disso, foi um homem múltiplo, alienista, médico legista, político, professor, crítico literário, ensaísta, romancista, historiador, acadêmico e polemista.

Biografia de Afrânio Peixoto

No dia 14 de dezembro de 1876 nascia em Lençóis, nas Lavras Diamantinas da Bahia, Júlio Afrânio Peixoto. Na foto aparece a casa onde nasceu e que hoje, é o Museu Afrânio Peixoto.

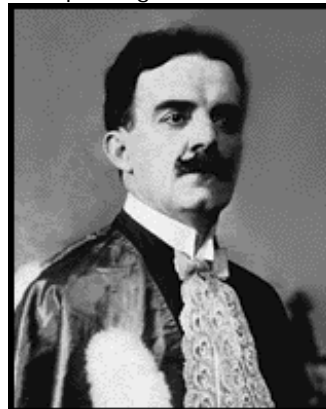
Seus pais eram o capitão Francisco Afrânio Peixoto e a Senhora Virgínia de Moraes Peixoto. O pai, de ascendência portuguesa, veio do Recôncavo Baiano e era comerciante de diamantes, autodidata, transmitiu ao filho os conhecimentos que auferiu ao longo de sua vida. Lá no interior da Bahia não poderia sequer imaginar que em 1910 o filho seria eleito para a Academia Brasileira de Letras na cadeira de Euclides da Cunha.



Casa onde Nasceu Afrânio Peixoto em Lençóis, BA.

Com a crise da exploração de diamantes, a família transferiu-se para Canavieiras. Assim, Peixoto passou sua infância no interior em Canavieiras (onde há uma biblioteca e ruas com seu nome), onde concluiu o curso primário, além de vivenciar situações e paisagens que influenciariam sua formação intelectual e muitos dos seus romances.

Em 1892 ingressa na Faculdade de Medicina da Bahia, em Salvador, e forma-se em 1897. Sua tese inaugural *“Epilepsia e Crime”* despertou grande interesse nos meios científicos do país e do exterior. O Prof. Isaías Paim em artigo publicado na revista *Brasiliense de Psiquiatria* (1971) sob o título *Desenvolvimento da Psicopatologia forense no Brasil*, considera-o como *“Fundador da Psicopatologia Forense em nosso País”*.



Afrânio Peixoto, na foto oficial de sua formatura em Medicina, em 1897. Foto: www.biblio.com.br.



Médico, Literário, Professor e Político

Na Faculdade de Medicina da Bahia aproximou-se de Juliano Moreira e em 1902, foi por ele convidado para mudar-se para a capital do país, na época, Rio de Janeiro, onde foi inspetor de Saúde Pública (1902) e Diretor do Hospital Nacional de Alienados (1904). Sua vida, como de tantos outros médicos, oscilava entre a prática clínica e os pendores literários.

A sua estréia na literatura se deu dentro da atmosfera do simbolismo, com a publicação, em 1900, do drama *Rosa mística*, curioso e original drama em cinco atos, luxuosamente impresso em Leipzig (Alemanha), com uma cor para cada ato. O próprio autor renegou essa obra, anotando, no exemplar existente na Biblioteca da Academia, a observação: "Incorrigível. Só o fogo".

Entre 1904 e 1906 viajou por vários países da Europa, com o propósito de ali aperfeiçoar seus conhecimentos no campo de sua especialidade, aliando também a curiosidade de arte e turismo ao interesse do estudo. Nessa primeira viagem à Europa tomou conhecimento, a bordo, com a família de Alberto de Faria, da qual viria a fazer parte, sete anos depois, ao casar-se com Francisca de Faria Peixoto.

Em 1906, submeteu-se às provas de concurso da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e em seguida fora nomeado como professor das cadeiras de Medicina Legal e Higiene (1907), e assumiu os cargos de professor extraordinário da Faculdade de Medicina (1911); diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro (1915) e diretor da Instrução Pública do Distrito Federal no ano seguinte.

Quando da morte de Euclides da Cunha (1909) foi Afrânio Peixoto quem examinou o corpo do escritor assassinado e assinou o laudo respectivo. Ocupou a Cadeira Nº. 7 da Academia Brasileira de Letras (ABL), onde foi eleito em 7 de maio de 1910, na sucessão de Euclides da Cunha; e a Cadeira Nº. 2 da Academia Brasileira de Filologia, da qual foi fundador.

Ao vir ao Rio de Janeiro, seu pensamento era de apenas ser médico, tanto que deixara de incursionar pela literatura após a publicação de *Rosa mística*. Sua obra médico-legal-científica avolumava-se. O romance foi uma implicação a que o autor foi levado em decorrência de sua eleição para a ABL, para a qual fora eleito à revelia, quando se achava no Egito, em sua segunda viagem ao exterior.

Começou a escrever o romance "*A Esfinge*", o que fez em três meses antes da posse em 14 de agosto de 1911. O Egito inspirou-lhe o título e a trama novelesca, o eterno conflito entre o homem e a mulher que se querem, transposto para o ambiente requintado da sociedade carioca, com o então tradicional veraneio em Petrópolis, as conversas do mundanismo, versando sobre política, negócios da Bolsa, assuntos literários e artísticos, viagens ao exterior. O romance, publicado em 1911, obteve um sucesso incomum e colocou seu autor em posto de destaque na galeria dos ficcionistas brasileiros. Na trilogia de romances regionalistas *Maria Bonita* (1914) *Fruta do mato* (1920) e *Bugrinha* (1922), talvez seu romance mais famoso. Entre os romances urbanos escreveu "*As Razões do Coração*" (1925), "*Uma Mulher Como as Outras*" (1928) e "*Sinhazinha*" (1929).

Dotado de personalidade fascinante, irradiante, animadora, além de ser um grande contador de causos e um primoroso conferencista, conquistava pessoas e auditórios pela palavra inteligente e encantadora. Como sucesso de crítica e prestígio popular, poucos escritores se igualaram na época a Afrânio Peixoto.

Na Academia, teve também intensa atividade. Pertenceu à Comissão de Redação da *Revista* (1911-1920); à Comissão de Bibliografia (1918) e à Comissão de Lexicografia (1920 e 1922). Presidente da Casa de Machado de Assis, em 1923 promoveu, junto ao embaixador da França, Alexandre Conty, a doação pelo governo francês do palácio Petit Trianon, construído para a Exposição da França no Centenário da Independência do Brasil. Ainda em 1923, deu início às publicações da Academia, numa coleção que, em sua homenagem, desde 1931, tem o nome de Coleção Afrânio Peixoto.

Como ensaísta escreveu importantes estudos sobre Camões, Castro Alves e Euclides da Cunha. Em 1941 visitou a terra natal, Bahia, depois de 30 anos de ausência e publicou 2 livros: "*Breviário da Bahia*" (1945) e "*Livro de Horas*" (1947).

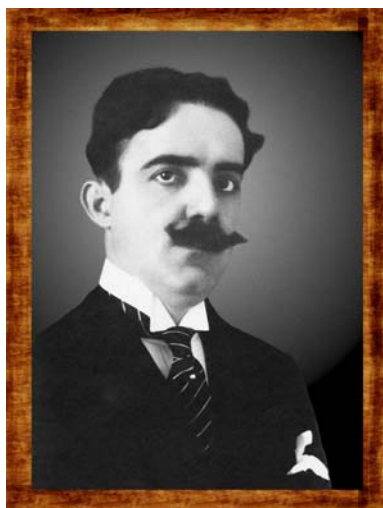
Além dessas, publicou obras de outros autores e numerosos livros de medicina, história, discursos, prefácios. Afrânio Peixoto procurou resumir sua biografia o seu intenso labor intelectual exercido na cátedra e nas centenas de obras que publicou em dois versos: "*Estudou e Escreveu, Nada mais Lhe Aconteceu*".

Teve uma passagem pela política quando foi eleito deputado federal pela Bahia, ficando no cargo no período de 1924 a 1930.

Após isto, voltou à atividade do magistério sendo professor de História da Educação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932). No magistério, chegou a Reitor da Universidade do Distrito Federal (Rio de Janeiro), em 1935. Após 40 anos de relevantes serviços à formação das novas gerações de seu país, aposentou-se.

Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IBGE), da Academia das Ciências de Lisboa; da Academia Nacional de Medicina Legal, do Instituto de Medicina de Madri e de outras importantes instituições.

A Contribuição de Afrânio Peixoto para a Biometeorologia



Dos primeiros estudos sobre o clima do Brasil em meados do século XIX, foi a partir dos paradigmas da salubridade, adaptação, higiene e saúde pública, que a climatologia deu os seus primeiros passos rumo a sua institucionalização como campo do saber.

Entre os médicos e sanitaristas brasileiros, nenhum outro interpretou tão profundamente as relações entre o clima, o homem e a cultura quanto Afrânio Peixoto. Pelo conjunto de sua obra, não seria exagerado afirmar que tenha sido o precursor da Geografia e Climatologia Médica em nosso país.

Professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Peixoto foi um ardoroso defensor do mundo tropical contra o preconceito dos detratores deste ambiente, que apregoavam a “natural” inferioridade dos povos da zona tór-rida.

Já em 1907, publicava um de seus primeiros trabalhos que tratava da relação entre o clima e as doenças no Brasil “Clima e Saúde”.

Nesta obra, empolga-se com as possibilidades de se pensar o país a partir de soluções internas para a superação dos problemas brasileiros. No prefácio de sua obra capital, o discurso do autor revelava as armas de que dispunha, ao tentar interpretar a realidade nacional do início do século XX, quando afirmava:

“O Brasil é o único país grande, de civilização ocidental, situado nos trópicos. Portanto, não comparável a nenhum dos ditos ‘países cultos’, temperados e frios. Com a Índia e Egito não se quereria parecer... Tem, pois, direito a pensar e de achar soluções suas, para os próprios problemas: soluções brasileiras, para problemas brasileiros. É hoje o único país ‘colonial’, ou de matérias primas, que não tem metrópole, a protegê-lo: tem, portanto, dever de cuidar de si, procurando soluções econômicas próprias, para os particulares problemas brasileiros. Na meditação, e nas ações decorrentes destes postulados, que impõe o clima, e a topografia, e a gente, e a educação, está a felicidade e até está a própria sobrevivência nacional. Possam não ser vãos tais reclamos. Ao amor, que é grande, perdoarão a veemência, que vem das apreensões... Não se pode ser brando, se é muita a força do amor”.

Enquanto Belfort de Mattos e Henrique Morize (já citados em edições anteriores da Cirrus), ao tratarem dos climas brasileiros, defendiam as idéias de que, mesmo aceitando as teses do determinismo geográfico, grande parte do território brasileiro (centro-sul) se encontraria dentro dos limites dos climas subtropicais e temperados, apresentando climas “favoráveis” ao desenvolvimento humano e econômico e, portanto, nesta porção de nosso território estaríamos livres destas limitações de ordem climática, Peixoto, ao contrário, não aceitava esta linha de raciocínio.



Para Peixoto (1938), em primeiro lugar, era fundamental que se derrubassem e se desmascarassem as teses deterministas e se construísse uma nova perspectiva de análise da terra e do homem dos trópicos. Em toda a sua obra evidencia-se o enorme esforço de defesa da tese do possibilitismo, demonstrando que, em realidade, as influências climáticas geravam adaptações e novos arranjos nas relações sociedade-natureza.

Mas, além do discurso no campo das idéias filosóficas, que Afrânio Peixoto foi construindo por mais de três décadas, dedicando-se às influências do ambiente no comportamento das sociedades, este autor também se interessou, e muito, pelos aspectos de ordem climática, a tal ponto que, deixando de lado sua formação acadêmica no campo da medicina, mergulhou a fundo na discussão teórica e metodológica da Climatologia chegando, inclusive, a apresentar uma avaliação crítica da produção científica desta área do conhecimento.

Em “Clima e Saúde”, Peixoto (1938) realizou uma excelente análise das condições climáticas associadas às enfermidades e à saúde pública, demonstrando que mais do que as influências do clima, são as condições de higiene e salubridade, portanto, aspectos sócio-econômicos, que passam a definir as novas áreas endêmicas. Desmontando as idéias preconceituosas sobre as “doenças tropicais”, o autor argumenta:

“Doenças climáticas foram outrora a cólera, a malária, a doença do sono: hoje têm uma etiologia conhecida, sem nenhuma subordinação ao clima; invadem terras sobre todas as latitudes; nas zonas de um mesmo clima, têm recuado diante daquelas cuja higiene as tem sabido preservar. E essa verdade tão simples, e de tão grandes conseqüências – porque a conquista territorial e econômica do mundo aí está, - que não há doenças climáticas – portanto não há doenças tropicais – se impõe, substituindo velhas crenças por essa outra científica pela observação e pela experiência: existem apenas doenças evitáveis, contra as quais a higiene tem meios seguros de defesa e reação”.

Nesta mesma obra, o autor analisou as questões sobre a “Meteoropatologia”, relacionando os tipos de clima e suas variações sazonais, com os casos de morbidez, epidemias e endemias. Concluiu que, a partir de certas condições climáticas, algumas patologias são facilitadas e outras inibidas, entretanto, uma vez detectadas e diagnosticadas, muitas deixam simplesmente de existir. Podem, todavia, reaparecer em outros ambientes climáticos, em função das condições de higiene e saúde.

Retomando o seu interesse pelas questões mais particulares da Climatologia, Peixoto (1908), ao propor uma nova classificação climática para o Brasil, considerava três tipos climáticos, assim como Morize e Delgado de Carvalho, porém, ao contrário dos outros dois, enfatizava o caráter de tropicalidade de nosso território. A classificação climática de Peixoto, primeiramente divulgada em 1908, e ligeiramente modificada em 1938 e 1942, está assim estruturada:

Climas	Tipos (Gerais)	Região
Equatorial	Quente e Úmido	Alto Amazonas
	Quente e Sub-úmido	Interior dos estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste (PA, MA, MT)
	Sub-Quentes e Úmidos	Litoral dos estados do Norte e Nordeste
Tropical	Litorâneo	Litoral da BA e SE
	Litorâneo Quente e Úmido	Litoral da BA, ES e RJ
	Continental	Vale do Paraguai (MT/MS)
	Altitude	Regiões elevadas da BA, MG, ES, RJ e SP
Temperado	Litorâneo	Litoral da SP, PR, SC e RS
	Continental e de Altitude	Estados de SP, PR, SC e RS

Fonte: Santana Neto, 1998.

As principais diferenças entre as classificações de Henrique Morize, Delgado de Carvalho e Afrânio Peixoto se referem muito mais à questão da delimitação da zona tropical do que aos elementos geográficos e meteorológicos considerados na proposta de distribuição espacial dos climas.

Se de um lado, Draenert, Morize e Delgado de Carvalho foram os responsáveis pelos primeiros estudos mais sistemáticos da climatologia brasileira na passagem dos séculos XIX para o XX, por outro lado, coube a Afrânio Peixoto, nestas primeiras páginas da história dessa maravilhosa ciência, o estabelecimento de um conjunto de procedimentos de análise mais conjuntiva e humanística. De certa forma, introduziu um novo paradigma para os estudos geográficos do clima no Brasil.

Após 40 anos de relevantes serviços à formação das novas gerações de seu país Afrânio Peixoto aposentou-se. Ele veio a falecer na cidade do Rio de Janeiro em 12 de janeiro de 1947 com 70 anos.

Por tudo que foi descrito aqui que a contribuição de Afrânio Peixoto foi essencial para a Biometeorologia ou Meteoropatologia no Brasil.



SUGESTÃO DE LEITURA:

AB'SABER, A.N., 1979. **A climatologia e a meteorologia no Brasil**. In: FERRI, M.G.; MOTOYANA, Shozo (orgs.) História das Ciências no Brasil. São Paulo: Edusp, p. 119-145.

MOREIRA, J. and PEIXOTO, A., 1927. **Les Maladies Mentales dans les Climats Tropicaux**. Relatório ao XV Congrès Int. de Médecine. Arq. Bras. de Psiquiatria Neurologia e Ciências Afins, 2: 222-241.

PEIXOTO, A., 1908. **Climatologia do Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

PEIXOTO, A., 1918. **Moinhos de Vento**. Revista Saúde, Rio de Janeiro, Numero 1.

PEIXOTO, A., 1938. **Clima e Saúde**. São Paulo: Cia Ed. Nacional (Brasiliana, vol. 129), 144 p.

SANTANA NETO, João L., 1998. **A Gênese da Climatologia no Brasil: O Despertar de Uma Ciência**. In: Coleção Prata da Casa, 3, São Luiz.

PARA SABER MAIS:

ARAGÃO, M.M., 1977. **Afrânio Peixoto: Perfil no Centenário**. Bahia, Governo do Estado da Bahia.

MAIO, M.C., 1994. **Afrânio Peixoto: Notas sobre uma Trajetória Médica**. Revista da SBPC, 11, p. 75-81.

MENEZES, R., 1969. **Afrânio Peixoto**. In: Dicionário Literário Brasileiro, São Paulo, Ed. Saraiva.

RIBEIRO, L. 1950. **Afrânio Peixoto**. Rio de Janeiro: Edições Conde.

SALES, F., 1988. **Aspectos da Vida e Obra de Afrânio Peixoto**. Bahia: Fundação Cultural da Bahia.

WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE. **Afrânio Peixoto**. Acesado em dezembro de 2008 e disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Afr%C3%A2nio_Peixoto.

Websites:

<http://urs.bira.nom.br/autor/ursb/ed000043.htm>

<http://www.polbr.med.br/arquivo/wal0802.htm>

<http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/biografias/afraniopeixoto.htm>

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=127>

<http://www.astormentas.com/din/biografia.asp?autor=Afr%E2nio+Peixoto>